

Nota de leitura

Leitura: Coelho, P. (2015). Jornalismo e Mercado – os desafios colocados à formação. Livro Labcom. Disponível em: <http://www.livroslabcom.ubi.pt/book/131>

O que Pedro Coelho, jornalista e professor de jornalismo, nos propõe é um olhar para o jornalismo e para o papel que este desempenha na sociedade do século XXI. Acima de tudo é isso. Mas radica no pressuposto de que o jornalismo já não resulta de práticas mais ou menos instintivas e que, pelo contrário, a formação de jornalistas é cada vez mais um campo determinante para as boas práticas da profissão.

O ebook “Jornalismo e Mercado – os desafios colocados à formação” resulta da sua tese de doutoramento com a qual o autor deu um excelente contributo para uma reflexão sobre o jornalismo nas sociedades contemporâneas e em particular para a compreensão do lugar que a formação académica ocupa nesse espaço. Trata-se de uma temática ainda pouco estudada pela academia. Para além do contributo de Pedro Coelho, é também de referir a tese de doutoramento de Sandra Marinho (2012).

No primeiro capítulo, o autor transporta o leitor para uma encruzilhada teórica sobre a própria profissão. A começar logo neste aspeto: o jornalismo é ou não uma profissão? O tema é recorrente em vários outros autores e Coelho recupera alguns deles: “os autores que consideram inviável a submissão do jornalismo às regras que estruturam uma profissão, passando por aqueles que preferem deixá-lo a meio caminho, classificando-o como uma semi-profissão, uma quase profissão ou um ofício de fronteira, até aos que, sem hesitações, entendem que a complexidade da ação determina a assunção dessa classificação, o debate frutifica” (p.19). O capítulo é enriquecido com a abordagem ao jornalismo e ao seu papel social e de formação da opinião pública. O autor enquadra este aspeto no principal objetivo do livro (a relação entre formação, jornalismo e mercado): “Assistimos, pois, à adoção de uma lógica comercial que irradia influências sobre uma sociedade de massas, onde os seus elementos estão desligados de uma ação política protetora, (não questionam, não

contra-argumentam, não discutem, apenas participam por reação) tornando-se permeáveis” (p.27).

Antes de entrar a fundo na formação académica de jornalistas, o autor aborda com detalhe as questões relacionadas com o jornalismo, a democracia e o mercado (capítulo II) e no capítulo seguinte enquadra a profissão à luz das transformações do ponto de vista tecnológico, em particular num ecossistema mediático dominado pela Internet. Este cenário no qual o jornalismo se encontra atualmente é, aliás, um dos pilares do trabalho de Pedro Coelho. “O aparato tecnológico, que sobressai dessa associação, torna-se de tal forma visível que, num olhar apressado, o jornalismo parece correr o risco de se deixar condicionar, em excesso, pela plataforma, sobrepondo a forma ao conteúdo” (p.233).

O autor procura colocar esta questão do jornalismo num ecossistema tecnológico dominado pela Internet e pelo mercado e daí parte para uma reflexão sobre o papel da formação e da academia recorrendo a diversas contribuições teóricas e recuperando os percursos da formação académica de jornalistas, com origem nos Estados Unidos da América.

O estudo de caso apresentado é sobre o ensino de jornalismo em Portugal. Aqui, Coelho percorre também a história do caso português fornecendo alguns dados comparativos de interesse e que demonstram a importância que a formação em Ciências da Comunicação e, em particular do jornalismo, tem assumido desde 1979, altura em que foi criado o primeiro curso em Portugal, na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

A proposta de análise de Pedro Coelho convoca vários itens, entre eles: o contexto do mercado; o contexto tecnológico; o crescimento da oferta formativa em Ciências da Comunicação em geral e em jornalismo em particular; a oferta nas universidades e nos politécnicos; a oferta nos sistemas público e privado; o binómio prática-teoria; o binómio banda estreita-banda larga.

O trabalho empírico de Coelho passou pela análise de 27 planos de estudo de cursos identificados no ano letivo 2012-2013. Trata-se, como o próprio autor afirma, “de uma primeira fase do trabalho que não nos irá permitir afirmar conclusões, apenas

enunciar alguns pressupostos orientadores para um segundo nível” (p.366) que passará pela análise detalhada de seis cursos dos 31 identificados. O autor propõe-se a constituir “um modelo de formação, que ultrapasse as fragilidades, ou que promova as virtudes identificadas” (idem).

Pedro Coelho começa por identificar a matriz de formação, referindo-se a cursos que assentam no jornalismo e, como tal, são classificados como de banda estreita e a cursos que incluem sobretudo Unidades Curriculares na área da comunicação e que constituem a maioria em Portugal (p.374). A análise passa ainda pela realização de entrevistas a docentes dos cursos e a alunos de várias instituições portuguesas.

Ao longo do livro, o autor insiste na ideia de que o jornalismo precisa de uma reconstrução no sentido de resgatar os valores que o moldam e que o “mercado tomou de assalto” (p. 584). O jornalismo é visto como algo cujo papel é o de contribuir para a comunicação pública e assim consolidar a democracia. Mas é, como o autor reconhece, um desafio complexo ao qual o jornalismo sozinho, não terá condições de lhe dar resposta. “O que tentámos promover neste trabalho foi esse exercício dessa reconstrução” (idem).

Ora, haverá aqui um trabalho conjunto que implicará diversos atores: jornalistas, empresas de média, docentes, alunos e academia no geral. Para isso, conclui Coelho, há que terminar com uma inexplicável razão para o afastamento entre a redação e a academia.

Por: Luís Bonixe